

## Dança, educação e gênero: concepções e reflexões nas relações escolares

**Paulo César Rodrigues Araújo Filho** <sup>i</sup> 

Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI/UECE, Itapipoca, CE, Brasil

**Maria Nária Teixeira** <sup>ii</sup> 

Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI/UECE, Itapipoca, CE, Brasil

**Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo** <sup>iii</sup> 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

### Resumo

Este trabalho propõe dialogar sobre os conceitos de dança, educação e gênero. Teceremos aqui reflexões e compreensões acerca das aproximações e do distanciamento existente entre ambos. Tanto em seu fazer, ser e atuar na sociedade e para sociedade. Como problemática geral: Que relações existem entre dança e gênero na educação? Dessa problemática tem-se como objetivo compreender as relações existentes entre dança e gênero na educação. Sobre os percursos metodológicos, o trabalho estabelecerá uma relação de revisão bibliográfica, Gil (2008), com abordagem qualitativa GODOY (1995). Tendo em vista, de acordo com a prática, os professores e a escola podem gerar outras formas de fazer essa dança, que evite essa relação de gênero. Portanto, proporcionando outros exercícios, a partir de sugestões dos alunos e assim achando uma alternativa que modifique essa prática binária.

**Palavras-chave:** Dança. Gênero. Educação.

### Dance, education, gender: conceptions and reflections in school relations

### Abstract

This work proposes to dialogue about the concepts of dance, education and gender. Here we will weave reflections and understandings about the approaches and, of course, the distance between them. Both in their doing, being and acting in society and for society. As a general issue: What relationships exist between dance and gender in education? Its objective is to understand the existing relationships between dance and gender in education. On the methodological paths, the work will establish a literature review relationship, Gil (2008), with a qualitative approach GODOY (1995). In view of the fact that, according to practice, teachers and the school can generate other ways of doing this dance, which avoid this gender relationship. Therefore, providing other exercises, based on the students' suggestions and thus finding an alternative to modify this binary practice.

**Keywords:** Dance. Gender. Education.

## 1 Introdução

Este trabalho propõe dialogar sobre os conceitos de dança, educação e gênero. Teceremos aqui reflexões e compreensões acerca das aproximações e do distanciamento existente entre ambos. Tanto em seu fazer, ser e atuar na sociedade e para sociedade.

2

Buscar por meio desse ensaio teórico de ideias e visões como as relações de gênero interferem no ser profissional, humano e global. Por apenas externarem um ponto de vista que vai contra o pensamento quadro, padrão e machista que estamos cansados de escutar, debater e tentar minimizar com posicionamentos e ações revolucionárias, práticas educativas e artísticas.

As práticas educativas são um dos meios para se alcançar extinguir essa visão, esse foco machista sobre gênero. Pois o poder da palavra gera o conhecimento e conseqüentemente o aprendizado, e dessa forma desfaz os pensamentos excludentes e medíocres sobre gênero.

Outra maneira de combater, lutar e se posicionar, são as manifestações artísticas culturais, que no caso desse trabalho é a dança. Essa manifestação engloba por si só os outros componentes artísticos, como: teatro, música e canto, todos juntos anunciam e seguem na contramão da opressão e do diálogo binário. Como problemática geral: Que relações existem entre dança e gênero na educação? Dessa problemática, tem-se como objetivo compreender as relações existentes entre dança e gênero na educação.

Contudo destaco essas categorias, pois vai ser a partir delas que iremos dialogar sobre esses conceitos e relações que ambas constroem em si e para o meio que circulam. Mas, antes, é necessário firmarmos que todas essas compreensões e conversas serão feitas a partir de um relato de experiência. No qual revelou esses pensamentos e a necessidade de interagir com essas bolhas de conhecimento, dança, educação e gênero.

Tendo em vista que, além disso, iremos também voltar nossa atenção para o mercado: o capital, e a mão invisível. Pois não adianta falarmos de relações, sem citá-las. É importante trazermos essas abordagens, para assim compreendermos as

outras conjunturas interacionais e relações dos seres humanos. Portanto, estender, expor e abrigar essas cooperações dos fazeres educacionais em torno dessas vertentes: dança e gênero, afinal quase tudo tem referência de gênero, aqui só iremos convocá-los a estabelecer links com esse relato de experiência e com os desdobramentos teóricos e práticos, existenciais e correlacionais com o mundo e os indivíduos.

3

## 2 Metodologia

Sobre os percursos metodológicos, o trabalho estabelecerá uma relação de revisão bibliográfica. Segundo Gil (2008): “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa maneira, buscando comparar ou refletir acerca das ideias encontradas pelos autores. A abordagem será de natureza qualitativa.

Por meio dessa interpretação, GODOY (1995, p. 21) diz que abordagem qualitativa:

Pode ser melhor compreendida no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisada numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos.

Nessa perspectiva, a pesquisa pode delinear outros percursos, significados, a partir da condução e dos achados feitos por meio da investigação do sujeito, em que suas inferências, suas informações surtirão em duas demandas: de mudança ou de continuação no mesmo caminho.

## 3 Resultados e discussões

Início essa escrita com os seguintes questionamentos: Que relações de gênero e dança, existem na educação? Que concepções são geradas a partir desse correlacionamento? Que efeitos, sentidos e causas, geram na vida pessoal,

profissional, dos professores, bailarinos e educadores de dança, no contexto educacional?

Nessa concepção o que seria gênero, afinal? De acordo com Louis (2006, p. 711), no que se desprezita sobre a significação do termo:

Para alguns, gênero era um conceito e, para outros(as), era um instrumental, uma abordagem, uma base, um catalisador, um componente, uma categoria de análise, uma condição, uma dimensão, um domínio, uma estratégia, uma epistemologia, uma ideologia, uma linguagem, um mecanismo, uma noção, uma ferramenta analítica, um paradigma, uma perspectiva, uma problemática, uma questão, um revelador, um papel, um sistema, uma temática, uma variável, um vetor de valor [...].

A significação do termo, a partir da ótica que se analisa, pode ser várias coisas, ou deduzir outras coisas. Dessa maneira, a concepção do termo, significado, na realidade pode ser delineada aqui na visão biológica de ser o indivíduo. Com isso, masculino e feminino, pode ser considerado aqui como ótica da pesquisa sobre o gênero. Porém, muitos separam esses termos binários para padronizar, formatar, e excluir indivíduos de contextos e locais de relações.

Dessa maneira precisamos compreender essas relações para além de padrões, mas, sim de formações, saberes e ensinamentos. De acordo com LOUIS (2006, p. 713):

Aceitar premissas de uma influência do pertencimento ao gênero sobre a visão de mundo. O gênero deveria ser analisado, compreendido, descoberto, explorado, integrado, teorizado. Era preciso incorporar as lentes de gênero. Ter uma atenção específica ao gênero, promover as questões relativas ao gênero, transmitir os estudos de gênero [...].

Com base nesses questionamentos, antes de respondê-los ou tentar respondê-los, proponho-me apresentar quem eu sou: Paulo César, artista docente, professor de dança da educação básica na cidade de Itapipoca-ce. Ah, e não sou binário, perante a sexualidade, não acredito que a moeda (a folha, o rosto) tem dois lados, acredito que tudo é uma questão de visão de ver as coisas, não por uma só ótica, e sim contextualizada em um mundo bipolarizado, industrializado, e meramente capitalista.

Sim, capitalista, porque o universo consumista, não equilibrado financeiramente, onde a mão invisível, discutido por Adam Smith, e de acordo com Prado (2006, p.60).

Para formalizar a mão invisível, enquanto uma expressão da concorrência de capitais, aqui é empregada como resultado clássico da teoria dos jogos evolucionários: a dinâmica de replicação. A ação humana nesse sistema está negada como ação humana, pois se trata de atuação alienada, ação que está programada pelas instituições do modo de produção capitalista. Como essa estrutura institucional é objetiva, regula e condiciona o comportamento humano, e o capital é um movimento de reprodução, pois os capitalistas tornam-se suportes da relação de capital, ou seja, meros portadores de vontades que moram nos capitais por eles mesmos possuídos.

Dessa forma, mexe e introjeta em nós a necessidade de vivermos focalizados no ciclo da compra, do consumo. Enfim, essa relação do capitalismo é uma questão que não tem uma solução exata, concreta e coerente, a tendência é coexistir nessa modernidade líquida, como dialoga Bauman: “é algo que, desenfreado, a mídia, a tecnologia nos envolve e nos impulsiona a projetar esses valores”.

No que desrespeita a modernidade líquida, Oliveira (2012, p. 26) destaca que:

[...] denomina ‘modernidade líquida’, referente a uma época em que as relações que compõem a sociedade e o mundo se encontram em um estado similar ao estado liquefeito da matéria, flexíveis e voláteis, podendo dispensar na maioria das vezes a “liga” necessária para manter as partes do sólido unidas. Em comparação e discordância às outras denominações, referentes ao mesmo momento histórico presente como ‘pós-modernidade’, ‘hipermodernidade’ (Gilles Lipovetsky), “segunda modernidade” ou “modernidade reflexiva” (Ulrich Beck), “alta-modernidade” (Anthony Giddens), e outros, escolhe o termo “modernidade líquida” a fim de dizer mais do que a condição da modernidade deixou de ser, mas principalmente para ilustrar e ressaltar a qualidade que adquiriu, que a fez diferente. Essa nova condição traz consigo a exigência de toda uma nova forma de fazer sociologia, de analisar e estudar os fenômenos sociais e culturais.

Contudo, nesse adentro sobre o capitalismo é necessário dialogarmos, pois se trabalhamos é por indução dele, para que possamos ter o básico, necessário

para sobreviver. Paralelo a isso, desvelo agora, o seguinte questionamento: de onde venho, e para onde vou? Sim, venho das artes, artes essas que me libertaram das ofensas machistas, que me empoderaram, e me emanciparam diante de ataques e questionamentos sobre a minha relação com/para arte, especificamente com a dança.

## 6

#### 4 Relato pessoal

Durante muito tempo em minha vida, tive que aturar, e aceitar argumentos sobre gênero e dança, por exemplo: homem não dança, homem não fala fino, homem não anda assim, dentre outros comentários que aguentei não por querer omitir quem eu era, pois sempre tive certeza de que não era nada daquilo que queriam introjetar em mim. Se isso incomodava, deveria ser porque não era padrão, não era igual a eles: aos primos, ao filho da amiga da minha mãe, ao filho do vizinho.

Na visão de Butler (2017 *apud* ANDREOLI, 2019, p. 6), esta estigmatização está ligada ao processo que:

[...] refere como o mecanismo da regulação da sexualidade por meio da desqualificação do gênero. Esse mecanismo, que afirma que o oposto da masculinidade é a falta de masculinidade, regula a construção do gênero masculino em nossa cultura, a partir da lógica heteronormativa. Dentro dessa lógica cultural, o homem que dança é visto como 'afeminado', termo pejorativo que reforça uma oposição hierárquica entre masculino e feminino e entre o homem supostamente menos viril e os modelos hegemônicos de masculinidade heterossexual.

Eu era, e sou artista, e isso sim era uma certeza, quanto a questões de orientações sexuais, não sabia; no momento não me ligava sobre esses diálogos afins, pois o que me importava era a arte que desbrava nos lócus que passava. Porém, tudo isso foi necessário para que eu me afirmasse, e emancipasse como artista, como dançarino, e que tudo isso me fez conquistar o respeito de todos, soube moldar, e reagir da maneira correta, para evitar confrontos arredios, violentos.

E assim, respondo o questionamento: Para onde vou? Para onde vou, não tenho em concreto um destino exato para ir, mas, o ponto de partida é e sempre

será a dança e a educação, desenhando caminhos, conquistando espaços, compartilhando ensino e aprendizado por meio dessas duas vertentes, possibilitando experiências ímpares nos indivíduos que cruzarem minha vida, deixando com eles pedaços de mim, podendo assim, multiplicar ações que modifiquem e revolucionem suas realidades e de seus pares.

## 7

## 5 Relações: dança, educação e gênero

Após essa exposição prévia, adentramos sobre as relações: dança e gênero, na educação? Em primeiro cabe especificar que concepções de dança a escola tem. Com isso, os autores Woodward (2005 *apud* ANDREOLI, 2019, p. 3):

Na perspectiva aqui adotada, gênero e orientação sexual se referem à construção de identidades culturais, assim como a raça, a etnia ou a classe. Portanto, resultam dos sistemas simbólicos e de classificação, criados por meio da linguagem, a partir dos quais os indivíduos se posicionam como sujeitos de uma cultura.

Aparentemente a dança na escola, em sua maioria está correlacionada a coreografias marcadas, abordagem em datas comemorativas, apenas para celebrar algo, isolando os efeitos, sentidos desvelados por sua prática. Os estudos de Andreoli (2019, p.9) discutem que: “[...] a dança é uma forma de pedagogia cultural, produzindo as diferenças de gênero e tornando-as parte dos corpos”. Ainda sobre a dança, outra festividade que ela é bem explorada na escola, são as festas juninas, entretanto essa dança é codificada com casais formados por um homem e uma mulher, meramente binária.

Em geral, o que esses estudos têm observado é que ao serem socializados dentro de uma cultura com forte binarismo de gênero, os homens e as mulheres na dança sempre tenderão a perpetuar a dicotomia dos gêneros na perspectiva de significar certas danças como ‘femininas’ e outras como ‘masculinas’. (ANDREOLI, 2019, p. 8).

Entendendo o desenvolvimento estrutural da dança na escola: Que relações, ou concepções de gêneros a escola tem postulado em seus fazeres educacionais? Será que esta tem pregado as várias concepções sexuais existentes, melhor

dizendo; as especificações, como: relação; orientação; e sexo biológico? Pois é necessário que a educação, principalmente no século XXI, estabeleça e desenvolva em suas aulas esses aprendizados, e conhecimentos.

Não adianta querer camuflar diálogos machistas, excludentes de gênero, porque essas relações de gêneros são no aqui e no agora, não é algo inventado, é real. É importante que as escolas, e principalmente os educadores, comecem a condicionar seus alunos a compreender essas relações desde o princípio, para que possamos educar seres que respeitem toda e qualquer maneira de viver de seus pares.

Com base nas leituras de Andreoli (2019, p.11), descortina-se a respeito da reflexão da práxis pedagógica no viés do ensino da dança, pois:

Em geral, o impacto da reflexão pedagógica sobre o gênero no campo do ensino da dança tem gerado esses dois tipos de abordagens: a da desgenerificação e a da inversão simbólica. A abordagem da desgenerificação inclui metodologias onde os movimentos em dança são criados e estudados independentemente de como eles são significados na cultura hegemônica. Investem, assim, na possibilidade de que tanto meninos quanto meninas executem os mesmos movimentos, ampliando as suas possibilidades para além do que é permitido ou proibido ao homem ou à mulher.

Se não, observamos as pontes ao estabelecer esse contato: catequizado ou desviado, além disso, serem imaturos para reduzir o saber ao senso comum. Pois, o papel da educação nesse momento é plantar um pensamento evolucionista nos alunos, cabendo a explorar cada realidade, relação e maneira de coexistir no mundo. Haja vista que todos eles merecem respeito acima de tudo, de não julgar e nem desvelar um preconceito do outro, aliás, sem conhecer, sem se pôr no lugar do seu semelhante, sem ter empatia e compaixão.

Algumas alternativas pedagógicas para a desconstrução dessas representações hegemônicas de gênero e de práticas sociais hierarquizadas, em aulas de dança, têm sido problematizadas. Por exemplo, Bond (1994) apontou um estudo em que meninas e meninos; ao serem estimulados a criar movimentos livres em aulas de dança, apresentavam inicialmente padrões sociais de movimentos corporais limitados às representações culturalmente atribuídas aos seus gêneros. E em um momento posterior, quando a professora trabalhou com o uso de máscaras de animais selvagens, isso pareceu afastar temporariamente as inibições ligadas ao gênero. (BOND, 1994 *apud* ANDREOLI, 2019, p. 10).

Diante disso, alinhando dança e gênero no contexto educacional, pois precisamos estabelecer uma reflexão ainda com uma visão de como esses dois pontos se aproximam e se distanciam. Aliás, atrelado ao distanciamento, quanto à relação de gênero, principalmente na escola, começamos pela categorização do que é específico para: homem e mulher. A partir dessa categorização, chegamos a um ponto que determina essas relações, por exemplo: enquanto a cor: meninos azuis e meninas rosa; menino futebol; menina boneca; balé para elas; vídeo games para eles, dentre outras derivações, as relações binárias estão bem primárias na contextualização educacional.

## 6 Considerações finais

Infelizmente, a cultura binária está presente maciçamente no contexto educacional. Muitas vezes a escola toma essa postura, por atender aos domínios dos familiares que já intensificam essas questões em seus próprios filhos.

Porém, a escola não deve comungar com esses diálogos, pelo contrário, deveriam polarizar o ambiente escolar com contextos multi interacionais, comungando com as várias realidades existentes na sociedade, começando pela dança, e depois o futebol, ampliando a visão desses alunos para outros contextos. Fazendo compreender essas relações como algo normal, plural e singular ao mesmo tempo, na maneira de ser e existir em sociedade.

Tendo em vista, de acordo com a prática, os professores e a escola podem gerar outras formas de fazer essa dança, que evite essa relação de gênero. Portanto, proporcionando outros exercícios, a partir de sugestões dos alunos e assim achando uma alternativa que modifique essa prática binária.

## Referências

ANDREOLI, Giuliano Souza. O ensino da dança e as relações de gênero e sexualidade. **Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade - RELACult**, v.5, n. 2, maio/ago., 2019. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/926.html>.

. Acesso em: 15 maio 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa-Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, 1995.

LOUIS, Marie Victoire. Diga-me: O que significa gênero? **Sociedade e Estado**, Brasília, v.21, n. 3, p.711-724, 2006.

OLIVEIRA, Larissa Pascutti. ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Revista Sem Aspas**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2012.

PRADO, Eleutério F.S. Uma formalização da Mão Invisível. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v.36, n.1, 47-65, 2006.

---

<sup>i</sup> **Paulo César Rodrigues Araújo Filho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4976-1823>

Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI/UECE.

Acadêmico do curso de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca-FACEDI/UECE, tendo experiência como bolsista de Iniciação artística e extensão, fez parte do Núcleo de Artes Cênicas – NACE da FACEDI.

Contribuição de autoria: Autor.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8190403565400861>

E-mail: [paulocesarrodrigues31@gmail.com](mailto:paulocesarrodrigues31@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Maria Nária Teixeira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3369-5438>

Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI/UECE.

Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Itapipoca-FACEDI/UECE, tendo experiência como bolsista de extensão e monitoria, atualmente se encontra vinculada no Programa Residência Pedagógica (PRP).

Contribuição de autoria: Coautora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8385232531114213>

E-mail: [marianariateixeira@gmail.com](mailto:marianariateixeira@gmail.com)

<sup>iii</sup> **Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0838-9279>

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Pós-Doutora em Educação; Doutora em Educação Docente da UECE e pesquisadora do grupo Práticas Educativas, Memórias e Oralidade (CNPq); atuando nos temas: Políticas Públicas e Gestão; História e Memória da Educação, Formação docente, Estágio e Educação Infantil.

Contribuição de autoria: Coautora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7403091676467602>

E-mail: [helena.marinho@uece.br](mailto:helena.marinho@uece.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

---

**Como citar este artigo (ABNT):**

ARAÚJO FILHO, Paulo César Rodrigues; TEIXEIRA, Maria Nária; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. Dança, educação e gênero: concepções e reflexões nas relações escolares. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.